

## 2.1- Metodologia

Para a análise dos dados que apresento abaixo , procedeu-se à seguinte metodologia: numa primeira instância, foram distribuídos 40 testes para alunos do Curso de Graduação da FALE/UFMG. Nestes testes havia 11 pares de frases distribuídas assim: em (a), alocaram-se as orações cujos complementos do verbo se apresentavam desacompanhados de preposição e, em (b), aquelas cujos complementos vinham introduzidos por esse elemento. Solicitou-se:

1º) que os alunos emitissem julgamentos quanto à aceitabilidade, ou não, das sentenças;

2º) que, nos casos de sentenças consideradas aceitáveis, indicassem se observavam, ou não, alguma diferença na aceção das orações com e sem preposição.

É necessário esclarecer que, para a seleção das sentenças apresentadas para o teste, foram escolhidos os verbos de uso corrente. Em alguns casos como, por exemplo, a de (1) (b), que antecipo aqui

(1) (b) Maria pisou na grama.

não se levou em conta, de antemão, a posição de alguns gramáticos normativos que condenam tais estruturas (Cf. Martins e Zilberknap (1979) )<sup>9</sup>, uma vez que o objetivo é, exatamente, verificar o comportamento dos falantes do português contemporâneo face à língua que dominam. Construções como a de (1) (b) são muito frequentes na língua atual e, como se verificará a seguir, não causaram nenhuma estranheza aos entrevistados.

A propósito desses últimos, deve-se ressaltar que a escolha da classe universitária para os informantes (alunos, no 1º teste, e professores, no segundo) deve-se ao fato de que esses são representantes da chamada

"classe culta", cujo dialeto é focalizado na minha pesquisa como um todo.

Numa segunda etapa da investigação, os testes foram aplicados a 15 outras pessoas (alunos da Pós-Graduação e docentes da FALE/UFMG), visando a verificar se haveria diferenças significativas nos julgamentos emitidos.

Ainda, nesta etapa, os testes obedeceram a duas fases distintas: a primeira, semelhante ao que se efetuou com os alunos da Graduação, ou seja: apenas foi solicitado que opinassem sobre a aceitabilidade das frases e sobre a possibilidade, ou não, de aceções diversas. O teste, portanto, foi aberto a todas as interpretações que os falantes captassem.

Na segunda fase, porém, já houve um direcionamento das interpretações, na medida em que se solicitou que os informantes verificassem a possibilidade, ou não, de uma ou outra "leitura" para os dados apresentados. Essa segunda fase do teste teve por objetivo "cheocar" diferenças de sentido entre orações com e sem preposição captadas pelos entrevistados da primeira etapa.

Uma vez que não pude observar diferenças significativas entre as interpretações fornecidas pelos alunos da Graduação, da Pós-Graduação e os professores, os resultados arrolados a seguir refletem os julgamentos dos informantes considerados em sua totalidade.

Ainda, conforme será possível verificar com a análise dos dados apresentada abaixo, a maioria dos entrevistados constatou alteração no sentido das frases com e sem preposição introduzindo o complemento do verbo.

Para os comentários que acompanham cada par de dados, foram consideradas as interpretações captadas por mais de 50% dos informantes. Em alguns casos, porém, serão mencionadas algumas observações avulsas, feitas por alguns dos entrevistados, que, apesar de mais distoantes em relação à maioria, não deixam de ser interessantes para a análise em pauta.